CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Complexo de Édipo



viver mente&cérebro

ROBERT M. YOUNG

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Complexo de Édipo

ROBERT M. YOUNG

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente&cérebro
tt
Duetto
Relume Dumará

Ideas in Psychoanalysis - *Oedipus Complex* foi publicado no Reino Unido em 2001 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2001 Robert M. Young

Conceitos da Psicanálise – Complexo de Édipo é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumará Editora.
Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone 11 3039-5688.
Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalem, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone 21 2564-8869
Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial
Alberto Schreier (Relume Dumará Editora)
Coordenação editorial da série brasileira
Ana Claudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)
Tradução e edição
Carlos Mendes Rosa
Revisão técnica
Paulo Schiller
Revisão
Eliel Silveira Cunha
Capa
Édipo e a Esfinge, de Ingres
Diagramação
Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Y71c Young, Robert M.
Complexo de Édipo / Robert M. Young ; tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumará : Ediouro : Segmento-Duetto, 2005
(Conceitos da psicanálise ; v.4)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : Oedipus complex
ISBN 85-7316-430-1

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960 3. Complexo de Édipo. 4. Pais e filhos. 5. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-2265. CDD 150.195
CDU 159.964.26

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

Sempre achei estranho que o mito e o complexo de Édipo fossem fundamentais para a condição humana. Ele me parece tão excêntrico, tão estapafúrdio, do mesmo modo que parece indecoroso e cômico sentir-se excitado com pedaços de gordura dependurados com mamilos ou uma veia intumescida com um saco por baixo. Mas é assim: a evolução, a cultura e as tendências nos fizeram desse jeito, com a sexualidade e o triângulo edipiano misturados representando preocupações inconscientes por toda a vida, que repercutem na história pessoal e coletiva.

IDÉIAS FREUDIANAS
DO COMPLEXO DE ÉDIPO

A idéia do complexo de Édipo foi desenvolvida por Sigmund Freud perto da virada do século XX. Ele se baseou na sua experiência clínica, na sua auto-análise e no

ciclo de peças teatrais do grego Sófocles – em particular, *Édipo Rei*, em que Édipo mata o pai e se casa com a mãe, provocando conseqüências desastrosas. Quer dizer, Édipo quebra o tabu do incesto e desencadeia uma tragédia. Na prática, o complexo de Édipo significa que as crianças dos 3 aos 6 anos, aproximadamente, têm sentimentos amorosos intensos por um dos genitores e procuram possuí-lo com exclusividade, tendo ao mesmo tempo fortes sentimentos negativos pelo outro genitor. Os meninos amam a mãe e odeiam o pai. As meninas também, mas vão adiante, odiando a mãe e procurando ter a posse do pai. No nível inconsciente, esses são sentimentos sexuais pelo genitor desejado e sentimentos de morte pelo genitor do mesmo sexo. Se tudo corre bem no desenvolvimento psicológico, a criança acaba percebendo que se beneficia da união dos pais e aprende a conter os sentimentos de posse e hostilidade.

Da resolução do complexo de Édipo vem a consciência, ou "superego". As crianças aprendem a não agir por impulsos violentos e a obedecer às regras da civilização e às convenções da cultura e da sociedade, entre as quais o tabu do incesto é a fundamental. Os intensos sentimentos edipianos reaparecem na adolescência, quando

os jovens costumam ser rebeldes, fazem experiências com sua identidade sexual e provocam problemas, às vezes muito sérios, para os pais. Lembre-se da angustiante falta de comunicação entre James Dean e seu pai no filme *Juventude Transviada* (1955) ou a total falta de diálogo entre pai e filha e entre o filho do vizinho e o pai no filme *Beleza Americana* (1999).

As pessoas que não conseguem superar o complexo de Édipo ficam imaturas, incapazes de progredir, sentem-se dependentes do pai ou da mãe ou de ambos, passam a manifestar as suas dificuldades psicológicas em vez de contê-las e/ou sentem uma estagnação na carreira e nos relacionamentos, não conseguem controlar bem os impulsos, têm dificuldade com a autoridade e são presas fáceis de toda sorte de problemas. Pense na vida atribulada de Brick Pollitt (representado por Paul Newman) na relação com a sua mulher (Elizabeth Taylor) e seu pai patriarcal, o "Paizão" (Burl Ives), na versão cinematográfica de 1958 da peça de Tennessee Williams *Gata em Teto de Zinco Quente* (1955). As adversidades de um complexo de Édipo mal resolvido em geral são transmitidas de uma geração à outra. O relacionamento difícil com o pai ou a mãe ou com ambos faz os filhos quando adultos também

terem dificuldade no papel de pai ou mãe. Alguns chegam a dizer que as adversidades do complexo de Édipo interferem na orientação sexual. Um apego muito forte a uma mãe possessiva, conjugado com um pai fraco ou ausente, foi um fator de importância fundamental na etiologia da homossexualidade masculina em *De Repente no Último Verão* (1958), mais uma peça de Tennessee Williams. Outros contestam essa relação fervorosamente.

Trata-se de questões primordiais, que Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), afirma constituírem os fundamentos históricos e emocionais da cultura, da lei, da civilidade e do decoro. Mais uma vez, quais são os elementos básicos? Primeiro, existe o triângulo edipiano, no qual uma criança entre os 3 anos e meio e os 6 anos quer ter contato exclusivo – físico, emocional e intelectual – com o genitor do sexo oposto e precisa se conciliar com a primazia reivindicada pelo genitor do mesmo sexo que o seu. A criança teme uma represália e logo passa a se sentir culpada do seu desejo incestuoso e dos seus impulsos homicidas. A culpa revela a existência do superego, que Freud denominou de herdeiro do complexo de Édipo. Tudo isso volta na adolescência, no que diz respeito à sexualidade e à autoridade, e pode surgir de novo quando um dos pais morre. Os

pacientes que não superaram bem esses ritos de passagem têm problemas edipianos mal resolvidos. Um dos maiores, que inibe a realização e a satisfação, é o medo de superar um dos pais, que ocasiona o medo de retaliação em razão do chamado "triunfo de Édipo". O outro é acreditar que se pode ser adulto sem ter crescido emocionalmente, esperando soluções mágicas ou de contos de fadas para os problemas da vida.[1]

Afora as minhas restrições ao complexo de Édipo em geral, demorei a aceitar o caráter central do triângulo edipiano na psicanálise e na psicoterapia – e acabei percebendo que o espaço analítico é um espaço edipiano. Os pacientes vêem o terapeuta como uma figura parental e se apaixonam por ele da mesma maneira que antes se apaixonaram pelos pais. No ambiente analítico, a dinâmica edipiana familiar se repete.[2] A relação analítica implica a possibilidade constante de incesto e uma recusa constante dele em nome da abstinência analítica e da esperança de um relacionamento que transcenda os desejos incestuosos. O rompimento do preceito analítico acarreta invariavelmente o risco de abusar de crianças, e ir para a cama com um paciente ou ex-paciente é exatamente isso.

Martin Bergmann apresenta muito bem algumas dessas questões num ensaio sobre transferência amorosa, no qual o paciente se apaixona pelo terapeuta. Diz ele:

Numa situação analítica, as primeiras imagens tornam-se conscientes e por isso perdem o potencial de energização. Na análise, a descoberta da fixação incestuosa por trás da transferência amorosa atenua os laços incestuosos e abre caminho para um amor futuro sem a necessidade de se repetir a triangulação edipiana. Em condições salutares, os protótipos infantis apenas estimulam a nova paixão, enquanto na neurose eles também evocam o tabu do incesto e a necessidade de uma nova triangulação que reproduza o triângulo da situação edipiana.[3]

Com relação aos pacientes que se envolvem com exterapeutas, Bergmann diz que eles afirmam: "ao contrário do resto da humanidade, tenho o direito de desconhecer o tabu do incesto, evitando o trabalho do luto, e possuir sexualmente o meu genitor. Tenho esse direito porque sofri muito ou simplesmente porque sou uma exceção"[4]. Do ponto de vista do terapeuta, "quando a relação de transferência torna-se uma relação sexual, ela

representa simbólica e inconscientemente a realização do desejo de não abandonar o objeto de amor infantil e que se pode encontrar o amor incestuoso na realidade"[5]. É uma variante do tema de Pigmalião. A relação analítica funciona desde que o terapeuta mostre, segundo Freud, "que ele é à prova de qualquer tentação"[6].

Analisando melhor a dinâmica edipiana pela experiência da relação psicanalítica clínica, descobre-se a fantasia da cópula dos pais que o paciente precisa aceitar – de preferência indo de uma fantasia inconsciente com algo violento e temido para outra mais benéfica, com a qual o paciente possa sentir-se seguro, tirando proveito da união dos pais.

Foi a minha experiência clínica que lentamente acabou com o meu ceticismo conceitual pelo complexo de Édipo, que apareceu no material clínico repetidas vezes. Alguns pacientes ficam paralisados porque não têm *nenhuma* fantasia a respeito dos pais juntos e acreditam estar na cama entre os pais, evitando que eles se unam, e não conseguem levar adiante os próprios relacionamentos por acreditarem inconscientemente que causaram um mal. Estagnação, ânsia e falta de realização são as prováveis conseqüências.

UMA ANÁLISE MAIS PROFUNDA DA DINÂMICA EDIPIANA

Façamos um exame mais minucioso das formulações psicanalíticas da dinâmica edipiana, iniciando pelo esquema de desenvolvimento definido, que constitui o histórico cronológico clássico do freudismo ortodoxo modificado e enriquecido por Karl Abraham e, diriam alguns, por Erik Erikson. Começaremos com o narcisismo primário e atravessaremos várias fases sucessivas focadas em determinadas partes do corpo: oral, anal, fálica e genital – oral durante o primeiro ano e meio; anal durante o ano e meio seguinte; e fálica a partir do final do terceiro ano[7].

Como disse, o período edipiano clássico vai dos 3 anos e meio aos 6 anos (alguns falam em 5 anos). Isso leva à formação do superego e a um período de latência relativa, durante o qual os meninos são essencialmente moleques e terríveis, com suas bicicletas, passatempos e brincadeiras, e as meninas são dengosas e afáveis em tudo, brincando de babá e mamãe, ou pelo menos é o que se diz[8]. As coisas se agitam de novo na adolescência, quando as mudanças biológicas coincidem com o tormento da identidade sexual[9], o conhecimento e amadurecimento sexual, o conflito com os pais, a competitividade e as realizações. Erik Erikson identifica ainda outras fases, a começar pela moratória psicossocial do final da adolescência, seguida da maioridade jovem, da maioridade plena e da maturidade, fase em que, segundo ele, o conflito central ocorre entre a integridade, de um lado, e a aversão e o desespero, do outro.[10]

Encontra-se uma cronologia detalhada do complexo de Édipo, na forma freudiana ortodoxa, no livro de Humberto Nagera *Basic Psychoanalytic Concepts on the Libido Theory* [Conceitos Psicanalíticos Básicos da Teoria da Libido] (1969)[11]. Acho curioso que não exista nem nele, nem nos textos de Freud nem em *The Language of Psychoanalysis* [O Vocabulário da Psicanálise] (1973), de Laplanche e Pontalis, uma explicação direta e consensual.[13] Isso se aplica ainda mais ao complexo de Édipo feminino:

Por toda a história as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade [...]. E você também não está livre de se preocupar com esse problema – se for homem. Isso não se aplica se você for mulher – você mesma é o problema.[14]

O humor malicioso de Freud não esconde o fato de que ele vê a feminilidade da ótica masculina, o que tem servido de pretexto a boa parte da crítica à sua idéia, na psicanálise e em outras áreas. Ele se viu diante de um problema com relação ao complexo de Édipo feminino. Já que todas as crianças – meninos e meninas – são naturalmente apegadas à mãe, como é que a menina se volta para o pai a fim de se tornar "a garotinha do papai"? Algo deve cortar o laço com a mãe. A resposta de Freud rendeu-lhe o ódio de feministas e também de tradicionalistas. Diz que a garota em certo momento descobre que não tem pênis, sofre de "inveja do pênis" e recorre à mãe para que lhe arranje um. Como isso não acontece, ela se decepciona. Culpa a mãe por essa deficiência, volta-se para o pai à procura de um e continua insatisfeita até conseguir um pênis simbólico na forma de um bebê.[15]

No garoto é o "complexo de castração" que o afasta da mãe; o medo das conseqüências dos seus desejos incestuosos. A versão feminina do complexo de castração – a inveja do pênis – é que leva a menina ao complexo de Édipo. No entanto, como ela já é "castrada" e amargou o destino que o menino tenta evitar, a rivalidade com a mãe assume um caráter diferente e talvez mais duradouro.

Freud afirmou que a passagem mais lenta, mais suave, menos brutal e menos abrupta do complexo de Édipo da menina que o do menino justifica o fato de a consciência feminina ser menos frágil que a dos homens. Também se disse que certos homens – escravos negros e habitantes de colônias – estão sempre sob tal ameaça real ou simbólica de emasculação que não conseguem resolver o seu complexo de castração, e isso (juntamente com perspectivas econômicas ruins) talvez explique a propensão de alguns à volubilidade e a fugir das responsabilidades familiares.[16]

A história ortodoxa do complexo de Édipo em suas várias formas é muito contestada, sobretudo e naturalmente pelas feministas (algumas das quais, por exemplo, contrapõem a idéia da inveja do pênis com a de que os homens teriam "inveja do útero") e também por homossexuais e lacanianos e nem sei quem mais. É considerada naturalista e biologística demais, ligada de forma muito literal a órgãos do corpo e muito determinista. No mundo real do desenvolvimento humano, como bem sabia Freud, existem milhares de desdobramentos nessa história significativa, tanto para os homens quanto para as mulheres – uma quantidade infinita de soluções parciais, conciliações e sublimações.

Deve-se também dizer que Freud sempre revia as suas opiniões sobre o complexo de Édipo masculino e feminino e que a sua descrição desse complexo nas mulheres é a mais confusa e menos bem fundamentada das duas. Como mostrarei adiante, existe uma visão kleiniana e mais abstrata da dinâmica edipiana, que não se considera tão inadmissível.

Os debates em torno dos detalhes do complexo de Édipo direto e indireto e o papel da bissexualidade nos processos edipianos são inúmeros e enredados e podem ser acompanhados numa bibliografia abundante. Não vou detalhá-los aqui, porque acredito que um panorama deva ser um quadro mais amplo e porque existem duas questões do complexo de Édipo que estão recentemente no centro dos debates e não são fáceis de encontrar resumidas: as idéias kleinianas a respeito do complexo de Édipo e as posições antinaturalistas sobre a sexualidade, que refutam toda a idéia de um esquema de desenvolvimento psicossexual determinado biologicamente.[17]

Antes de me concentrar nesses temas, quero me estender mais na história freudiana clássica. Freud classificou o complexo de Édipo de "complexo central" ou "complexo nuclear" de todas as neuroses. Em nota de

rodapé acrescentada na edição de 1920 de *Three Essays on Sexuality* [Três Ensaios sobre Sexualidade], ele deixou claro que o complexo de Édipo é a pedra fundamental permanente em que se ergue o edifício da psicanálise:

Disse-se com razão que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e constitui a parte essencial do seu conteúdo. Representa o auge da sexualidade infantil, que, por meio dos seus efeitos subseqüentes, exerce influência decisiva na sexualidade dos adultos. Todo novo ser neste planeta enfrenta a tarefa de dominar o complexo de Édipo; quem não o consegue cai vítima da neurose. Com o avanço dos estudos psicanalíticos, a importância do complexo de Édipo tornou-se cada vez mais evidente; seu reconhecimento tornou-se a pedra de toque que distingue os adeptos da psicanálise dos seus oponentes.[18]

Na primeira menção ao tabu do incesto, publicada em 1905 (ele havia escrito sobre o "horror do incesto" e considerado o incesto "anti-social" num rascunho de 1897 não publicado), Freud o considera "uma exigência cultural feita pela sociedade" que pode ser transmitida por herança orgânica, e acrescentou numa nota de rodapé de 1915: "A investigação psicanalítica mostra, no entanto, que o indiví-

duo luta intensamente com a tentação do incesto durante o período de crescimento e que freqüentemente essa barreira é desrespeitada na fantasia e até na realidade"[19].

Freud identificou o tabu do incesto como base de todas as outras proibições no desenvolvimento do indivíduo e na história da humanidade. A culpa era a arma essencial na luta contra impulsos incivilizados, vorazes, e a sublimação da energia sexual originava a energia para *toda* a cultura e a civilização, conceitos que ele não se dignava a diferenciar: "O incesto é anti-social e a civilização consiste na renúncia progressiva a ele"[20]. O "pai primitivo" voraz e sexualmente polimorfo, o patriarca da "horda primitiva", foi confrontado e morto pelos filhos, e assim se instaurou o tabu contra o incesto, a pedra fundamental de todas as proibições morais e culturais. "Não podemos escapar à suposição de que o sentimento de culpa do homem provém do complexo de Édipo e teve origem na morte do pai cometida pelos irmãos em conluio."[21] O preço que pagamos pelo progresso da civilização "é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa". Ele chama isso de "conclusão final da nossa investigação", tornando assim clara a sobreposição de civilização e descontentamentos no título

do livro*: a civilização *causa* descontentamentos.[22] Ele via todo o vasto panorama da história da humanidade desenrolar-se no espaço emocional entre Eros e Tânatos – o impulso construtivo para o amor e a criação e o impulso agressivo para a destruição e a morte.

Freud defendeu a idéia de que o complexo de Édipo é universal, e têm havido debates acalorados a esse respeito, alguns envolvendo trabalhos de campo da antropologia. Esses debates tornaram-se bastante confusos, e eu tenho a impressão de que os freudianos ortodoxos levaram as coisas muito longe na esperança de preservar algum aspecto da universalidade do complexo de Édipo, enquanto os críticos atacam a eles e às especulações históricas de Freud sobre a "horda primitiva"[23].

Somos privilegiados por dispor de um ótimo resumo desses debates em *Oedipus Ubiquitous: The Family Complex in World Folk Literature* [Édipo Onipresente: O Complexo Familiar na Literatura Popular Mundial] (1996), de Allen W. Johnson e Douglass Price-Williams. Eles revêem as questões e concluem que o complexo definido por Freud

* O autor refere-se à tradução britânica da obra de Freud *Das Unbehagen in der Kultur*, cujo título é *Civilisation and its Discontents*, publicada no Brasil como *O Mal-Estar na Civilização*. (N. do T.)

é predominante nas sociedades mais avançadas, enquanto a versão mais leve, que remete ao conflito de gerações, tem presença maior nas 139 histórias populares que eles analisam, embora as que seguem a linha de Freud sejam na maior parte sobre meninos e não meninas.[24] As afirmações muito concretas de Freud sobre esta ou aquela parte do corpo são menos convincentes do que o conflito de gerações. Há ainda a interessante obra psicanalítica de Alan Roland (1988) que fala de importantes diferenças nessa questão na Índia (onde o conflito nos filhos e nos pais é um enorme tabu) e no Japão (onde a deferência é bastante arraigada na personalidade feminina).

Quero falar de mais dois aspectos das opiniões de Freud, que apresento como contrapeso à equivocada crença de que ele era muito reducionista e biologista e deixava pouco espaço para a relatividade histórica. Primeiro, ainda que achasse o complexo de Édipo universal e enraizado em nossa herança biológica, ele também entendia que a resolução do complexo nos libertava em certa medida dessa mesma herança. Freud escreveu:

Otto Rank, num grosso volume sobre o complexo do incesto (1912), apresentou provas do fato surpreendente de que a

escolha do tema, sobretudo em obras dramáticas, é determinada principalmente pelo âmbito do que a psicanálise denominou "complexo de Édipo". Reelaborando-o com enorme variedade de modificações, distorções e disfarces, o dramaturgo procura ocupar-se das suas relações mais pessoais com esse tema emocional. É na tentativa de dominar o complexo de Édipo – ou seja, a atitude emocional da pessoa para com a família ou, em sentido mais estrito, para com o pai e a mãe – que os indivíduos neuróticos chegam ao luto e é por essa razão que o complexo habitualmente constitui o núcleo da neurose deles.[25]

Essa tarefa de desenvolvimento que todo indivíduo tem diante de si está ligada, segundo Freud, a características universais da natureza humana. Prossegue ele:

Sua importância não se deve a nenhuma conjunção ininteligível. A ênfase sobre a relação dos filhos com os pais é uma expressão do fato biológico de que os jovens da humanidade atravessam longo período de dependência e são vagarosos em atingir a maturidade, além do que sua capacidade para o amor percorre uma trajetória de desenvolvimento complexa. Conseqüentemente, a superação do complexo de Édipo

corresponde ao modo mais eficiente de dominar a herança arcaica, animal, da humanidade. É verdade que essa herança contém todas as forças necessárias para o subseqüente desenvolvimento cultural do indivíduo, mas elas precisam ser selecionadas e reelaboradas. Esse legado arcaico não se presta aos propósitos da vida social na forma com que é herdado pelo indivíduo.[26]

Segundo, a universalidade do complexo de Édipo não significa que o modo como as forças edipianas se manifestam esteja imune ao desenvolvimento histórico e à relatividade cultural. Freud compara os costumes sociais da época de Sófocles com os da época de Shakespeare. Logo após a primeira menção ao complexo de Édipo em *The Interpretation of Dreams* [A Interpretação dos Sonhos] (1900), no qual pleiteia o seu caráter universal, Freud enfatiza a especificidade histórica desse tema crucial:

Há no texto da própria tragédia de Sófocles o indício inconfundível de que a lenda de Édipo proveio de algum material onírico primevo cujo conteúdo era a perturbação aflitiva de uma criança com seus pais devido às primeiras manifestações da sexualidade [...].

Outra das grandes criações da obra poética trágica, Hamlet, *de Shakespeare, tem raízes no mesmo solo que Édipo Rei. Mas o tratamento diverso do mesmo material revela por completo a diferença na vida mental dessas duas épocas da civilização bastante afastadas: o avanço secular do recalque na vida emocional da humanidade. No Édipo, a fantasia desejante da criança que o perpassa é revelada e percebida como num sonho. Em Hamlet ela permanece reprimida; e – tal qual no caso da neurose – só sabemos da sua existência pelas conseqüências inibidoras [...] Hamlet pode fazer de tudo, menos vingar-se do homem que aniquilou seu pai e tomou-lhe o lugar com sua mãe, o homem que lhe mostra realizados os desejos reprimidos da sua infância. Daí a repugnância que deveria incitá-lo à vingança ser substituída pela por autocensura, por escrúpulos de consciência, que o fazem lembrar que ele próprio não é literalmente nem um pouco melhor do que o pecador que ele deve punir.*[27]

IDÉIAS KLEINIANAS

Qual é precisamente a relação das idéias kleinianas com tudo isso? Primeiro, é sabido que Melanie Klein descobriu o que ela chamou de "situação edipiana", que ocorre numa etapa bem anterior na vida, junto com as idéias persecu-

tórias do superego, muito antes do momento em que um freudiano reconheceria a *existência* de um superego. Ela descobriu a idéia internalizada dos pais copulando – por bem ou por mal – em fantasias bastante precoces.

Klein é a mais fiel seguidora de Freud no que diz respeito à teoria do instinto de vida e morte (Eros – Tânatos) e às tristes lições da teoria freudiana sobre o mal-estar na civilização. Existe, contudo, uma divergência fundamental entre eles com relação ao desenvolvimento, às estruturas e, aliás, a todas as sinalizações do mundo interior que auxiliam os freudianos a encontrar um rumo. As idéias de Klein nessa área ajudam a entender por que é tão difícil apreender a teoria dela. Vou expor a história e a situação atual do complexo de Édipo segundo a tradição kleiniana, mas apresento minha conclusão geral agora.

Acho que se trata de uma questão de primeiro plano e de segundo plano. A princípio pode parecer uma questão menor, mas acho que é muito significativa. No início pensava que a cronologia e as fases do desenvolvimento não tivessem a mínima importância para Klein. Pensava que a hipótese estrutural do id, ego e superego[28] não lhe importasse, mas eu estava errado. Esses conceitos se encontram lá – todos eles. E também os das fases

oral, anal, fálica e genital, assim como o complexo de Édipo, mas não em primeiro plano; estão em segundo plano. O que está em primeiro plano é a interação das emoções e das posições. Para Klein, uma "posição" é uma miríade de angústias e defesas, relações de objeto e impulsos.[29] A dicotomia fundamental é entre Eros e Tânatos, os quais, por sua vez, dão-nos emoções duais como amor e ódio, gratidão e inveja – todas dirigidas às relações de objeto total e relações de objeto parcial.

Há outra questão genérica que se coloca ao lado dessa sobre posições e emoções: o primitivo nunca é superado como na via de desenvolvimento freudiana. Em particular, as angústias psicóticas continuam a irromper por meio de percepções integradas, acarretando a oscilação permanente da percepção entre dois modos fundamentais de ser no inconsciente – as posições esquizoparanóide e depressiva, essa última caracterizada por um raciocínio integrado e mais maduro em relação a objetos totais, ao passo que as relações de objeto parcial predominam na posição esquizoparanóide. As duas posições acabaram sendo ligadas por uma seta de duplo sentido para mostrar a oscilação entre elas: E ↔ D. É pelo fato de o primitivo continuar a dominar que o esquema de desenvolvimento

fica em segundo plano, enquanto a interação de emoções ocupa o plano da frente. Essa idéia de primeiro e segundo plano apóia-se na argumentação de um ensaio de Ruth Stein (1990), ao qual voltarei adiante. Quero dizer que a dificuldade de se encontrar um caminho no mundo interior kleiniano é em grande medida explicada pelo fato de que as sinalizações foram retiradas, como fizeram os britânicos quando temiam a invasão de Hitler. O resultado é que os sentimentos estão à solta, sem ter como recorrer a mapas, fronteiras e vias férreas que dão segurança aos freudianos.

ÉDIPO REI

Quero agora falar um pouco de Édipo. Diante de todas as revelações e controvérsias recentes sobre violência contra crianças, fiz uma descoberta repentina sobre o velho *Édipo Rei*, peça batizada por Aristóteles de a tragédia perfeita, que serviu de inspiração à outra candidata, *Hamlet*.[30] Se perguntarmos quando Édipo cometeu incesto, as respostas podem ser vistas de uma perspectiva bem diferente da oferecida pela história comum. O que realmente aconteceu é que Laio, depois de ter ouvido do oráculo que o seu filho o mataria e se

casaria com a mãe, atacou o filho ao nascer. No texto de Sófocles, Jocasta conta isso desta maneira:

Quanto ao filho,
Ele ainda não tinha três dias de vida quando foi lançado
(Por mãos de outrem, não as dele [Laio]) com os tornozelos atados
Para perecer na encosta de uma montanha.[31]

"Édipo", o nome que a criança recebeu dos seus pais adotivos, Políbio e Mérope, significa "pés inchados". Quando já tinha mais idade e um bêbado lhe revelou que não era filho de Políbio, o qual ele acreditava ser seu pai, Édipo questionou os supostos pais, que ficaram incomodados de que alguém tivesse dito aquilo. Ele foi a um oráculo:

[...] fui a Pito;*
Mas voltei desapontado sem respostas
À pergunta que fiz, tendo ouvido em seu lugar histórias
De torpezas e desgraças: que eu devia casar-me com minha mãe

* Pito é a denominação antiga da cidade grega de Delfos, onde havia o famoso oráculo e o templo de Apolo, justamente o deus-herói que matou a serpente Pitão, acontecimento que deu nome ao lugar. (N. do T.)

E tornar-me pai de uma prole malsinada,
Uma ofensa a toda a humanidade, e matar meu pai.[32]

Édipo fugiu de Corinto, "para nunca mais rever o lar / De modo que tais torpezas nunca se realizassem"[33], a fim de não fazer mal a Políbio, seu suposto pai, e não deitar-se com Mérope, a mulher que ele acreditava ser sua mãe. Ao fazer isso, teve a oportunidade de se encontrar com Laio numa encruzilhada. O pai o recebeu de braços abertos? Não, não recebeu. Tentou desafiá-lo na questão trivial de quem devia passar primeiro numa encruzilhada.

Quando cheguei ao lugar em que três caminhos se cruzam, encontrei
Um arauto seguido de um coche puxado por cavalos, e um homem
Lá dentro ia sentado, tal qual me descreveste.
O condutor ordenou rudemente que eu saísse do caminho
E seu venerável senhor repetiu a ordem grosseira.
Foi o cocheiro que me empurrou de lado, e contra ele investi,
Pois eu estava irado. O velho viu isso, inclinando-se para fora do coche,

Esperou até que eu passasse e, então, tomando como arma
o aguilhão duplo do cocheiro, bateu-me na cabeça.
Pagou caro por essa afronta.
Rápido como raio, o bastão nesta mão direita
Fez o serviço; ele tombou de cabeça para fora do coche,
E matei todos os homens que lá havia.[34]

O que fez Édipo além de ter sido agredido ao nascer e de novo quando tentava escapar do triângulo edipiano?[35] Claro que sua reação à afronta foi exagerada, mas ele fora agredido duas vezes. Em seguida ele responde a adivinhação sobre o ciclo da vida ("O que anda sobre quatro pés e depois sobre dois e depois sobre três?"), dá fim à tirania da Esfinge, ganha o prêmio (que vem a ser a união incestuosa com sua mãe), sabe da verdade de forma velada pelo velho cego e sábio Tirésias, duvida dele, persegue incansável a verdade e a confirma com criados que haviam participado diretamente dos acontecimentos decisivos. Édipo sente-se abominável; Jocasta se enforca. Édipo vaza os próprios olhos e acaba adquirindo sabedoria ao olhar para o mundo interior. Ao ler a peça, constato que ele teve pais ruins, descontrolados e incontroláveis, uma mãe bem longe

de ser boa, um pai grosseira e repetidamente abusivo, que rivalizaria com as nossas versões de casais e triângulos. Esse homem foi mesmo maltratado e carrega as cicatrizes como prova.

No entanto, como revelam as análises mais detidas de muitos dos que sofreram abusos, essa não é toda a história. Pode-se contar outra, bem diferente, a do inconsciente de Édipo. Aliás, existem algumas evidências de que Sófocles era um pré-kleiniano, na medida em que, se voltarmos a atenção para o mundo interior, Édipo teria tido impulsos – que explicariam o comportamento de Laio, sem justificá-lo – com *muito pouca* idade. Ele não cometeu incesto mentalmente aos 3 anos e meio, o que teria ocorrido se fosse uma criança freudiana, mas sim um incesto real, como uma boa criança kleiniana. Nada de narcisismo primário, como Freud classificaria, mas sim relações de objeto assim que nasceu.

Como afirmou John Steiner, existem evidências de que todos os que participaram da tragédia sabiam da outra história ou poderiam tê-la depreendido facilmente, mas "fizeram vistas grossas"[36]. Dei mais uma olhada na coletânea das peças de Sófocles e devo dizer que o

autor deve mesmo ter intuído o ensaio de Klein de 1928, embora não tenhamos certeza quanto ao de 1945 e ao de 1946, nos quais o papel da identificação projetiva na posição esquizoparanóide foi inteiramente formulado, apresentando assim todos os elementos do equivalente kleiniano moderno da história edipiana.[37]

FREUD E ÉDIPO REI

É um truísmo dizer que essa peça causou grande impressão em Freud, mas seria interessante nos estendermos um pouco nesse fato. Sabemos que ele disse em 1897 a Wilhelm Fliess, seu interlocutor mais próximo: "Também descobri no meu próprio caso a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora vejo isso como um acontecimento universal da infância [...]. Sendo assim, podemos compreender o poder cativante de *Édipo Rei*"[38].

Freud escreveu sobre *Édipo* em *A Interpretação dos Sonhos*.

> Se Édipo Rei *comove a platéia moderna tanto quanto a platéia grega da época, a explicação só pode ser que o seu efeito não se encontra na oposição entre destino e vontade humana, mas deve ser procurado na natureza particular do ma-*

terial em que essa oposição se exemplifica. Deve haver algo que torne uma voz dentro de nós pronta para reconhecer a força compulsiva do destino no Édipo, *ao mesmo tempo que podemos desconsiderar por meramente arbitrárias essas tendências conforme apresentadas em [...] outras tragédias do destino modernas. E existe na verdade um fator dessa espécie na história do rei Édipo. O destino dele nos toca só porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que sobre ele. É o destino de todos nós, talvez, dirigir o primeiro impulso sexual para nossa mãe, e o primeiro ódio e o primeiro desejo assassino contra o nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é assim que ocorre. O rei Édipo, que assassinou o seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, simplesmente nos mostra a realização dos nossos desejos infantis. Contudo, mais afortunados que ele, conseguimos, desde que não nos tornemos psiconeuróticos, desprender nossos impulsos sexuais da própria mãe e esquecer o ciúme do pai. Aí está alguém em quem esses desejos primevos da nossa infância se realizaram. E recuamos dele com toda a força do recalque pelo qual esses desejos foram desde aquele tempo contidos em nós. Ao mesmo tempo que traz à luz a culpa de Édipo à medida que desvela o passado, o poeta nos instiga a reconhe-*

cer a nossa mente interior, onde ainda se encontram esses mesmos impulsos, embora reprimidos. A oposição com que o coro final nos defronta –

> *[...] voltem os olhos para Édipo,*
> *que desvendou o enigma obscuro, o mais nobre e mais sábio vencedor.*
> *Como estrela, sua invejada sorte ascendeu radiante por todo o redor;*
> *Agora ele submerge num mar de angústias, sob uma maré bravia.*

– tem o impacto de uma advertência a nós mesmos e ao nosso orgulho, nós que, desde a infância, nos tornamos tão sábios e tão poderosos aos nossos olhos. Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos, repugnantes à moralidade, que nos foram impostos pela Natureza, e após a sua revelação é bem possível que todos procuremos fechar os olhos às cenas da nossa infância.[40]

Freud acrescentou esta nota em 1919: "Estudos posteriores mostraram que o 'complexo de Édipo', a que me referi nos parágrafos acima na *Interpretação dos So-*

nhos, lança uma luz de importância não sonhada sobre a história da espécie humana e a evolução da religião e da moralidade"[41]. Freud acrescentou o termo "complexo" em 1910 por influência de Carl Jung e, como vimos, declarou em *Totem and Taboo* [Totem e Tabu] que o assassinato do pai por uma horda primitiva constitui o alicerce da história da humanidade.[42]

A própria constelação familiar de Freud era uma balbúrdia de gerações. Seu pai tinha 20 anos a mais que a mãe e, por intermédio de um filho adulto do primeiro casamento, já era avô quando Sigmund nasceu. Esse filho e outro ainda tinham quase a mesma idade que a nova mulher. Freud era o filho mais velho dessa família, mas o mais novo da família ampla. As outras duas crianças eram um menino e uma menina, respectivamente um ano mais velho e da mesma idade que Freud, mas seus sobrinhos. Um irmão lhe disse certa vez que ele pertencia à terceira geração, não à segunda, em relação ao pai.[43] (Lembro-me agora de uma canção que fez sucesso quando eu era criança, que falava de relações familiares e casamentos tão complicados que o cantor podia afirmar sem sombra de dúvida: "Eu sou o meu vovô!") Não admira que, quando Freud se preparava para terminar o

curso secundário, a matéria que ele escolheu para citar foi o Édipo Rei, com a qual ficou em primeiro da classe, baseada numa tradução do grego da fala introdutória do sacerdote, que suplica a Édipo que salve os habitantes de Tebas da praga desconcertante provocada pelo desrespeito ao tabu do incesto entre gerações.[44]

A significação de tudo isso ficou bastante clara quando os seguidores de Freud o presentearam com um medalhão no seu qüinquagésimo aniversário. De um lado havia o perfil de Freud; do outro, um desenho de Édipo dirigindo-se à Esfinge, com esta fala da passagem final da peça: "Aquele que conhecia as famosas adivinhações e era um homem muito poderoso". Ao ler isso, Freud ficou pálido e agitado com a estranha coincidência entre essa homenagem e as suas fantasias. Quando estudante, ele caminhava pelas arcadas da Universidade de Viena e olhava de perto os bustos dos professores famosos. Ele imaginara o busto dele mesmo colocado ali no futuro, exatamente com aquela inscrição. Sua identificação com Édipo não poderia ter sido mais plena.[45] Até Freud se abalou com as sensações de triunfo edipiano. Diante dessa preocupação que o acompanhou a vida inteira, torna-se ainda mais surpreendente que ele nunca tenha

sistematizado as suas opiniões maduras sobre o complexo de Édipo – conceito que, segundo ele mesmo, era a pedra angular da sua teoria.

AS OPINIÕES DE KLEIN

Volto-me agora para a exposição dos pontos de vista de Melanie Klein a respeito do complexo de Édipo. A resposta dela à pergunta "quando Édipo cometeu incesto?" foi que ele o fez desde o princípio, ao menos em fantasia inconsciente. Apresentarei uma versão clara e uma versão imprecisa dessa questão. A precisa pode ser encontrada em todas as várias tentativas de esboçar as opiniões kleinianas com base nas freudianas. Todas dependem do esquema de desenvolvimento que delineei antes e do apego à cronologia que ele acarreta. Não fosse esse esquema, haveria pouca discordância ou não haveria discordância alguma entre as concepções. Se você ler do começo ao fim as "controvérsias" entre os kleinianos e os outros membros da Sociedade Psicanalítica Britânica no início dos anos 1940, sempre ressurge a questão de que Klein estaria, como se diz repetidas vezes, "depreciando" o complexo de Édipo clássico, que ocorre dos 3 anos em diante.[46] Klein nega isso, mas reconhece haver uma discordância, sobre o que pode existir

na mente de uma criança bem no começo da vida. Como já afirmei mais de uma vez, é também uma discordância entre estrutura e cronologia, primeiro e segundo plano, funcionamento da mente e reflexão a esse respeito, mas voltarei a isso mais adiante.

Comecemos por uma versão simples do que Klein pensa do complexo de Édipo.[47] Ela faz distinção entre o que denomina "situação edipiana", que reaparece ao longo da vida, e o complexo de Édipo clássico de Freud: "Segundo Freud, os desejos genitais emergem e ocorre uma escolha de objeto determinada durante a fase fálica, que se estende aproximadamente dos 3 aos 5 anos de idade, e é concomitante ao complexo de Édipo"[48]. O superego e o sentimento de culpa são seqüelas do complexo de Édipo.[49] Klein é de opinião que o desenvolvimento emocional e sexual "*da primeira infância em diante* inclui sensações e tendências genitais, que constituem os primeiros estágios do complexo de Édipo positivo e invertido [desejo pelo genitor de mesmo sexo; agressividade contra o de sexo oposto]: eles são experimentados sob a primazia da libido oral e se misturam com desejos uretrais e anais e fantasias. As fases libidinais se superpõem dos primeiros meses de vida em diante"[50]. Ela

localiza a formação do superego na fase oral. "Sob influência da vida fantasiosa e de emoções conflitantes, a criança, em cada fase da organização libidinal, introjeta os seus objetos – primordialmente os próprios pais – e constrói o superego com esses elementos [...]. Todos os fatores associados às relações de objeto dela têm desde o princípio participação na constituição do superego."[51]

De início, o genitor como um todo não é introjetado, mas apenas aspectos particulares dele, isto é, objetos parciais significativos:

O primeiro objeto introjetado, o seio da mãe, forma a base do superego [...]. Os sentimentos de culpa primordiais de ambos os sexos provêm de desejos oral-sádicos de devorar a mãe e essencialmente os seios dela ([Karl] Abraham). É, portanto, na infância que surgem os sentimentos de culpa. A culpa não aparece quando o complexo de Édipo chega ao fim, mas é, melhor dizendo, um dos fatores que desde o início moldam o seu curso e afetam-lhe o resultado.[52]

As afirmações finais de Klein começam com um trecho que corrobora a minha impressão de que ela entremeia conceitos

que, com a devida cautela, poderiam ser apontados num esquema de desenvolvimento freudiano:

O desenvolvimento sexual da criança está indissoluvelmente ligado às suas relações de objeto e a todas as emoções que desde o início modelam sua atitude para com a mãe e o pai. Angústia, culpa e sentimentos depressivos são elementos intrínsecos da vida emocional da criança e, assim, permeiam as primeiras relações de objeto da criança, que consistem na relação com pessoas reais e também com as suas representações no mundo interior. É dessas figuras introjetadas – as identificações da criança – que se desenvolve o superego, que por sua vez influencia a relação com ambos os pais e todo o desenvolvimento sexual. Assim, o desenvolvimento emocional e sexual, as relações de objeto e o desenvolvimento do superego interagem desde o princípio.[53]

Concluí ela: "A vida emocional da criança pequena, as defesas precoces formadas sob a tensão entre amor, ódio e culpa e as vicissitudes das identificações da criança – todos esses são tópicos que podem muito bem ocupar a pesquisa analí-

tica por muito tempo ainda"[54]*. Como ocorreu com Freud, é surpreendente que Melanie Klein, embora tenha vivido mais 15 anos e continuado produtiva intelectualmente, não tenha incorporado às suas opiniões a esse respeito as interpretações maduras de outras preocupações típicas da sua teoria.*

IDÉIAS KLEINIANAS RECENTES

"The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties" [O Complexo de Édipo à Luz das Angústias Precoces] (1945) foi publicado um ano antes de Klein ter cunhado uma expressão para caracterizar o que era, com quase toda a certeza, sua idéia mais profunda, o mecanismo que ela chamou de "uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Para denominar tais processos, sugiro a expressão 'identificação projetiva'"[55]. Ela é crucial na posição esquizoparanóide, em que predominam a clivagem, os mecanismos projetivos e as relações de objeto parcial. Pode-se ver esses mecanismos na prática no racismo e em outras formas de ódio virulento em que um grupo externo desprezado torna-se repositório de características "ruins" rejeitadas e projetadas. Mais uma vez, essa configuração encontra-se em relação dinâmica com a posição depressiva, em que predominam as relações de objeto total, a preocupação com o objeto e a integração. O que ocorreu na investigação subseqüente a que Klein aludiu foi que esses modos de pensar se inter-relacionaram. David Bell explica isso da seguinte maneira:

O conflito edipiano primitivo descrito por Klein ocorre na posição esquizoparanóide quando o mundo da criança é bastante dividido e as relações são especialmente com objetos parciais. Isso significa que qualquer objeto que ameace a posse exclusiva do seio/mãe idealizado é percebido como perseguidor e projeta nele todo os sentimentos hostis decorrentes de impulsos pré-genitais.[56]

Se o desenvolvimento se desenrola satisfatoriamente, as relações seguras com bons objetos internos levam à integração, à cura das divisões e à involução das projeções:

A mãe então se vê livre, por assim dizer, para se envolver com um terceiro objeto numa relação amorosa que, em vez de ser ameaçadora, torna-se o alicerce de uma relação segura com a realidade interna e externa.

A capacidade de representar internamente a relação amorosa entre os pais como objetos totais resulta, por meio das representações decorrentes, na capacidade para uma maturidade genital plena. Para Klein, a resolução do complexo de Édipo e a consecução da posição depressiva remetem aos mesmos fenômenos vistos de perspectivas diferentes.[57]

Ronald Britton expõe o assunto com refinamento:

[...] as duas posições estão indissociavelmente interligadas, de tal forma que não se pode solucionar uma sem solucionar a outra: solucionamos o complexo de Édipo superando a posição depressiva e a posição depressiva superando o complexo de Édipo.[58]

Temos aí uma chave de tradução entre os esquemas conceituais freudiano e kleiniano. Em ambas as situações, a criança acaba por aceitar o seu lugar no triângulo familiar (que envolve dois pais reais ou um, com a idéia de uma terceira pessoa na mente do genitor que provê os cuidados). Em trabalhos recentes de kleinianos, esse raciocínio foi ampliado consideravelmente. Foi, por exemplo, aplicado ao desenvolvimento da capacidade de atribuir símbolos e de aprender com a prática. A integração e a posição depressiva – que hoje podemos classificar de resolução do complexo de Édipo – são a condição *sine qua non* do desenvolvimento de "uma capacidade de formação de símbolos e pensamento racional"[59]. Inclui-se no conhecimento maior do objeto "a percepção da continuidade da sua existência no tempo e no espaço e também, portanto, das outras relações de objeto derivadas dessa compreensão. A situação edipiana exemplifica esse conhecimento. Daí não se poder trabalhar a posição depressiva sem trabalhar o complexo de Édipo e vice-versa"[60]. Britton entende ainda que "a posição depressiva e a situação edipiana nunca se encerram, mas têm de ser retrabalhadas em cada nova situação da vida, a cada nova etapa do desenvolvimento e a cada acréscimo importante à experiência ou ao conhecimento"[61].

Esse modo de analisar a situação edipiana também traz consigo um modo de entender o autoconhecimento ou *insight*:

O triângulo familiar primário dá à criança dois vínculos que a ligam separadamente a cada genitor e a põe em confronto

com o vínculo entre eles, que a exclui. De início, esse vínculo parental é concebido como objeto parcial nos modos dos desejos orais, anais e genitais dela, e concebido como seu ódio com expressão oral, anal e genital. Se a mente da criança consegue tolerar o vínculo entre os pais percebido com amor e ódio, este lhe proporciona um protótipo de uma relação de objeto de terceira espécie em que ela é testemunha e não participante. Passa então a existir uma terceira posição, da qual é possível observar relações de objeto. Dado isso, podemos também imaginar o ser observados. Isso nos dá a capacidade de ver a nós mesmos interagindo com outros ou de considerar outro ponto de vista ao mesmo tempo que conservamos o nosso, de refletir a nosso respeito sendo nós mesmos.[62]

Acho isso bastante interessante – na verdade, profundo.

Tive uma experiência estranha quando pensava no que eu teria para dizer sobre esse assunto. Eu sabia que uma fonte importante eram as "controvérsias" dos anos 1940, quando kleinianos e freudianos debateram, supus confiante, precisamente essa questão.[63] Eu tinha feito pesquisas sobre outros tópicos no volume resumido dos debates, particularmente fantasia e angústias psicóticas, que têm verbetes extensos – uma página inteira, num

caso, e meia página, no outro. "Complexo de Édipo" tem somente poucas linhas. Depois de ler todas as passagens relevantes, levei muito tempo para compreender essa aparente incoerência. Percebi que não se tratava de tópicos separados. Quer dizer, os kleinianos contestavam o esquema de desenvolvimento puro dos freudianos ortodoxos e dos neo-freudianos. Chamavam a atenção para o conteúdo dos processos emocionais iniciais, ao passo que os freudianos concentravam-se mais nos modelos cientificistas e nas apresentações metapsicológicas das suas formas. Na minha opinião, a novidade animadora nas reflexões de Klein e seus colegas era a ferocidade primitiva do conteúdo das fantasias inconscientes e das angústias psicóticas que, como afirma Hinshelwood, estão "por trás do complexo de Édipo clássico"[64].

Essa função das ameaças inconscientes aplica-se particularmente à imago parental e às fantasias atemorizantes – angústias normais mas psicóticas – associadas a ela[65], assim como aos sentimentos da criança sobre o seu papel e a sua situação – arriscada, excluída, responsável. Vários pacientes meus parecem estagnados por causa de inatividade nesse espaço devido a depressão, preocupação ou desavença entre os pais. (André Green

escreveu um ensaio comovente a esse respeito.[66]) Eles não conseguem tocar a vida porque não existe um relacionamento vivo, nenhuma imago parental benéfica na qual se sintam contidos e capazes de progredir. Às vezes eles ficam muito estáticos, para que a estagnação não dê lugar a algo bem pior.

Sempre sinto que os polemistas nos debates Freud -Klein referiam-se a coisas diferentes – os freudianos, a pais reais e sentimentos conscientes; os kleinianos, a objetos internos, objetos parciais e fantasias inconscientes bastante primitivas, de um tipo particularmente aflitivo e pré-verbal. Ocorre-me uma analogia entre as verdades que Édipo achava estar procurando e as verdades mais profundas que acabaram surgindo e, diz Steiner, eram conhecidas inconscientemente o tempo todo. Uma das características principais dos recentes avanços da teoria kleiniana nessa área é a situação edipiana ser cada vez mais correlacionada com os pré-requisitos do conhecimento, o continente e o conteúdo. O foco passa a ser o enigma da Esfinge e a busca da verdade sobre as origens, que representam a busca edipiana no sentido mais amplo – o da necessidade de conhecer em mais profundidade: *epistemofilia*.

Agora vou me concentrar naqueles assuntos que prometi abordar. Existem aí várias questões para esclarecer. Em primeiro lugar, os pontos de vista de Klein acerca da situação edipiana e do complexo de Édipo evoluíram por caminhos que interagiam com a elaboração de outros conceitos importantes, particularmente a posição depressiva, a posição esquizoparanóide e a identificação projetiva. Algo parecido ocorreu com os conceitos de Freud de consciente, pré-consciente e inconsciente (categorias topográficas profundas) e de id, ego e superego (categorias estruturais importantes mas não tão profundas). Freud nunca trocou explicitamente sua metapsicologia topográfica por uma estrutural, nem fez uma distinção clara entre o superego e o ideal de ego.[67] Teorias em desenvolvimento nunca são bem arrumadas.

Em segundo lugar, minha referência a segundo plano e primeiro plano pode ser aplicada agora à relação entre processos primitivos, posições e emoções, de um lado, e esquemas de desenvolvimento, cronologia, topografia e hipótese estrutural, de outro. Klein não discordava do segundo plano, mas não era seu interesse principal. O que a interessava eram as profundezas do id e do inconsciente. Podia-se achar que ela escrevia e falava de um

modo heterodoxo sobre estruturas, quando na verdade vasculhava o âmago da criança. O que estava em primeiro plano para Klein – a interação de sentimentos inconscientes – estava em segundo plano para os freudianos, ou ao menos estes silenciavam a esse respeito, preferindo apresentar as coisas por analogias cientificistas de forças, energias, estruturas, adaptações etc.[68] Klein quase sempre despeja todo o vocabulário: as expressões "oral, anal e fálico" aparecem constantemente em seus textos, tal qual "misturar", como se estivesse fazendo uma salada ou nos jogando num caldeirão borbulhante ou num redemoinho em vez de se referir a uma cronologia.

Em artigo muito interessante publicado em 1990 no *International Journal of Psycho-Analysis*, Ruth Stein lançou um novo olhar sobre a teoria de Melanie Klein[69]. Afirma que ela é em essência uma teoria do afeto cujo foco "se desloca das explicações catéxicas de Freud para os conceitos dos objetos e aos sentimentos ligados a eles"[70]. As "posições" tornam-se mais importantes que as estruturas e "se formam em torno de sentimentos centrais diferentes"[71]. Existem basicamente duas configurações psicológicas, correspondentes aos dois instintos básicos. Elas "diferem fundamentalmente conforme a capacidade do indivíduo de tolerar sentimentos desagradáveis e conflituosos"[72]. A vida psíquica é a regulação desses sentimentos.[73] Ela conclui que "Klein não tem nenhuma teoria do aparato mental, e os sentimentos não se encontram em estrutura nenhuma"[74]. A angústia e a culpa são o resultado inevitável da coexistência de amor e ódio, e é a situação edipiana que as gera.[75]

O que me parece útil nessa opinião sobre Klein é que ela – junto com a minha distinção de segundo e primeiro plano – me ajuda a entender por que eu não consigo me achar usando o mapa das estruturas freudianas com o qual estudei nas minhas leituras de psicanálise num contexto neo-freudiano americano. As explicações kleinianas soam corretas para mim. Foi assim quando eu era analisando e continuam sendo agora que sou terapeuta e supervisor de terapia individual, terapia de grupo e relações grupais. Na verdade, o trabalho com relações grupais fundamentou-se na mesma questão que apresento aqui. Wilfred R. Bion, notório analisando de Klein e talvez o mais original pensador na linha dela, disse em *Experiences in Groups* [Experiências com Grupos] que não há nada errado nas explicações de Freud de id, ego e superego (que, insistia Freud, esclareciam todos os fenômenos individuais e

sociais), a não ser que elas não foram muito aprofundadas e portanto desconsideraram as "fontes definitivas" do comportamento grupal, assim como do comportamento individual.[76] Ele considerou mais básicas as angústias psicóticas, juntamente com as posições esquizoparanóide e depressiva – e as emoções e as premissas derivadas delas, que provocam divisão no trabalho profundo com grupos de tempos em tempos.[77]

Até aqui tentei fazer duas coisas com as idéias kleinianas sobre a dinâmica edipiana. Primeiro, resumi os pontos de vista de Klein sobre o complexo de Édipo e suas diferenças em relação aos de Freud. Segundo, apresentei algumas idéias que podem contribuir para que entendamos por que parece tão difícil colocar esses dois pensamentos acerca da natureza humana num mesmo conjunto de idéias – por que é tão difícil misturá-los. Acho que isso ocorre porque os determinantes fundamentais da natureza humana enfatizados nos respectivos contextos encontram-se em níveis diferentes. Para Klein, interessam sempre os processos primitivos, e é um trabalho que não acaba mais. O que interessa aos freudianos, como afirmou Freud, é: "Onde existe id, deve existir o ego. É uma obra de recuperação, como a drenagem do Zuider Zee"[78]. Alguns freudianos acreditam ser possível solucionar o complexo de Édipo. Já os kleinianos acreditam que a situação edipiana sempre volte na vida, mais como Sísifo que como Prometeu.

OBJEÇÕES AO DETERMINISMO DO DESENVOLVIMENTO

É difícil, talvez impossível, conciliar a posição kleiniana na questão do determinismo do desenvolvimento com argumentos recentes em nome da "sexualidade plástica", pela qual, afirmam homossexuais e bissexuais, pode-se recusar o curso edipiano e escolher outra rota de desenvolvimento.[79] Segundo a ótica kleiniana, de acordo com alguns, não se pode fugir à configuração edipiana e tornar-se uma pessoa ponderada e criativa. Claro que é cabível mostrar como o fracasso na superação da situação edipiana pode mesmo levar a uma sexualidade pervertida, como ilustrou David Morgan com material comovente de casos clínicos.[80] No entanto, em certos textos kleinianos existe a suposição tácita de que a sexualidade dos gays e das lésbicas é inerentemente nociva, posição que Freud nunca adotou. Ele considerava "qualquer aberração instaurada da sexualidade nor-

mal um exemplo de inibição no desenvolvimento e de infantilismo"[81]. Por outro lado, não encarava a homossexualidade ou a perversão como doenças.[82]

Tenho a felicidade de dizer que outros seguidores de Klein têm um ponto de vista diferente do da ortodoxia kleiniana e voltam a nossa atenção mais para as características das fantasias inconscientes que para o comportamento sexual. Em "Reflections on Perverse States of Mind" [Reflexões sobre Estados Mentais Perversos], Margot Waddell e Gianna Williams afirmam que a perversão do caráter envolve "a distorção e o uso errado da realidade psíquica e externa: o massacre da verdade"[83]. Os estados mentais perversos contêm "uma caricatura negativista das relações de objeto". Existe uma "fantasia central [inconsciente] de matança de bebês em segredo em vez de prestar cuidados a eles – uma forma indireta de atacar a parte interna do corpo da mãe [...]. Nesse contexto, a perversão não está ligada a aspectos típicos das preferências sexuais – pode também estar presente ou ausente tanto nas relações heterossexuais quanto nas homossexuais"[84]. Elas concluem que esse enfoque está

[...] repleto de possibilidades para compreender melhor a perversão como um aspecto do caráter, diferentemente de comportamento ou preferência sexual. Subverte por completo a propensão atual de rotular de "pervertidos" ou "não-pervertidos" modos de relacionamento – isto é, homossexual ou heterossexual – e desloca as diferenciações para a área da realidade e dos significados psíquicos representados por diferentes estados mentais.[85]

Assim, quando se vê um comportamento que para alguns, na superfície, parece ser *inerentemente* pervertido, resta ainda realizar um trabalho clínico para compreender o significado interno, as relações de objeto e as fantasias inconscientes antes de diagnosticá-lo como patológico. Estados mentais perversos são uma coisa, e "perversão" é um termo que deveria ser empregado com muito cuidado.

CRÍTICAS ANTINATURALISTAS AO COMPLEXO DE ÉDIPO

Teoria das relações de objeto

Se os kleinianos ampliaram muito o complexo de Édipo e colocaram em segundo plano a cronologia clássica da teoria da libido, os defensores de várias outras correntes de pensamento partiram para o ataque ao

conceito e às pressuposições que o fundamentam. Alguns avanços generalizados – e outros específicos – na psicanálise talvez sejam compatíveis com uma visão da sexualidade diferente do entendimento dos herdeiros da ortodoxia freudiana. O movimento generalizado é a queda da adesão ao biologismo e à teoria clássica da libido e a ascensão das relações de objeto.

A teoria das relações de objeto foi desenvolvida na obra de Melanie Klein, Ronald Fairbairn e Donald Winnicott.[86] Suas formulações contêm diferenças consideráveis (Fairbairn, por exemplo, claramente deu as costas à biologia de um modo que Klein não fez), mas o seu efeito na psicanálise foi apontar relações com os aspectos bons e ruins da mãe e de outras figuras e objetos parciais importantes e tratar as relações com objetos – e não a expressão dos instintos – como preocupação básica do pensamento psicanalítico e do trabalho clínico. O foco é mais nas relações que nas pulsões, no "*objeto* do meu afeto [que] pode fazer o meu rosto branco ficar rosado" (como diz a música*), *mais do que no objetivo* do instinto, como diria uma metapsicologia biologizada.[87] Feito

* A música citada pelo autor é *The Object of My Affection*, cantada pelo americano Dean Martin no LP *Pretty Baby*, de 1957. (N. do E.)

isso, sexo, sexualidade, órgãos sexuais e energia sexual não servem mais ao contexto retórico nem ao contexto conceitual em que refletimos sobre o mundo interior. Amor, ódio, fantasia inconsciente, angústia e defesas assumem o primeiro plano.[88] Para Freud, "sexual" era um termo amplo e significava qualquer atributo do tecido vivo que manifestasse entropia negativa. É isso que ele quis dizer com "libido"[89]. Os teóricos das relações de objeto abordam o tema pelo lado contrário: a libido não é tida como busca de prazer, mas sim busca de objeto.[90] A libido não determina as relações de objeto; as relações de objeto é que determinam a libido.[91]

Recentemente percebi que o sexo, no sentido estrito, tem um papel surpreendentemente pequeno na formação e na supervisão em psicoterapia e na sua literatura. Há alguns anos fui a uma palestra do psicanalista Dennis Duncan intitulada "O Que Aconteceu com o Sexo na Psicanálise?" Junto com o distanciamento em relação à teoria da libido, diminuiu a atenção ao esquema de desenvolvimento psicossexual e à cronologia bastante restrita que ela determina. Como eu disse, se você ler Klein e os seus seguidores vai encontrar expressões como "elementos orais, anais e fálicos" todas embara-

lhadas, como se formassem um *pot-pourri*. O que apareceu mais tarde no esquema deles em pontos específicos do desenvolvimento e da cronologia da teoria da libido confunde-se de alguma forma com uma etapa anterior da abordagem de Klein.

ESQUEMAS ALTERNATIVOS DE DESENVOLVIMENTO

O distanciamento da teoria da libido e a aproximação da teoria das relações de objeto têm relevância para o tópico dos cursos alternativos de desenvolvimento. Alguns dos escritores mais interessantes que participam desse debate fazem desta a sua questão primordial: "O que o curso de desenvolvimento da teoria da libido tem de tão maravilhoso?" Ao perguntar isso, eles atacam a centralidade do complexo de Édipo no freudismo ortodoxo. Escrevem opondo-se claramente à "lei do pai" freudiana, em que se embasa a importância do complexo de Édipo.[92] Afirma o teórico gay John Fletcher:

O que se refuta aí não é a masculinidade ou o falo em si, mas a polaridade existente no cerne da premissa edipiana: "Você não pode ser *o que deseja, você não pode* desejar *o que quer ser".*[93]

Os freudianos consideram natural aquilo que os dissidentes sexuais consideram uma norma cultural que deve ser combatida. Eles defendem uma ressimbolização e um reinvestimento numa nova espécie de sexualidade. No entanto, o próprio Freud disse que

[...] a disposição para perversões é uma disposição original e universal do instinto sexual humano e que o comportamento sexual normal desenvolve-se dele em resultado de modificações orgânicas e inibições psíquicas no curso do desenvolvimento [...]. Entre as forças que restringem a direção tomada pelo instinto sexual, ressaltamos a vergonha, a aversão, a compaixão e as estruturas de moralidade e autoridade erigidas pela sociedade.[94]

Os textos de Jean Laplanche, eminente psicanalista francês, corroboram esse ponto de vista. É aceita a relação de zonas erógenas especificadas pela teoria da libido – boca, ânus, uretra, genitais –, mas elas são descritas com caráter menos biologístico como locais de troca entre interior e exterior.[95] No entanto, *qualquer* zona do corpo pode admitir um grau de excitação sexual, assim como as idéias. O entendimento tradicional da per-

versão é uma alteração ou desvio da ordem estática de zonas privilegiadas determinada biologicamente, culminando na cópula genital com a finalidade do orgasmo. Mas, se nos recusarmos a aceitar esse desdobramento espontâneo de um programa instintivo único, a própria sexualidade poderá mostrar-se polimorfa e, portanto – sendo irônico –, pervertida. Laplanche refere-se a isso de forma direta:

[...] a exceção – *isto é, a perversão – acaba levando a regra consigo. A exceção, que deveria pressupor a existência de um instinto preciso, uma função sexual preexistente, com normas bem definidas de realização – essa exceção acaba minando e destruindo a própria idéia de norma biológica. Toda a sexualidade, ou pelo menos toda a sexualidade infantil, acaba tornando-se perversão.*[96]

Fletcher refere-se a isso com termos simbólicos, termos que ampliam o alcance, o âmbito e a flexibilidade da sexualidade: "Toda a sexualidade, tomada como campo móvel de signos deslocáveis e substituíveis e representações mentais, é uma *perversão* da ordem das necessidades biológicas e de objetos fixos"[97]. Se a perversão é

ubíqua, não pode ser chamada de excepcional e hipocomum, a regra, normal – daí "perversão" ser "normal". As conotações pejorativas do termo tornam-se obsoletas e, seguindo as estritas exigências de desenvolvimento da teoria da libido – com o complexo de Édipo no centro –, o termo perde sua legitimidade absoluta e seus fundamentos teóricos.

Escrevendo sobre bissexualidade e lesbianismo, Beverly Burch adota uma linha parecida de oposição ao biologismo e em favor do construtivismo social. Diz ela: "O lesbianismo e as identidades heterossexuais são constructos sociais que incorporam elementos psicológicos"[98]. Esses diferem de uma mulher para a outra e têm manifestações e origens tão diversas quanto as biografias individuais: "A integridade da teoria heterossexual não sobrevive à diversidade das orientações sexuais"[99]. Ela coloca as orientações sexuais num continuum e sustenta que qualquer ponto dele pode ser defensivo – "nenhuma posição é necessária ou inevitavelmente patológica"[100]. Burch mergulha na literatura para encontrar uma contingência da teoria que se coadune com a sua contingência de trajetórias de desenvolvimento:

A questão é que não existe um ponto de vista fechado, e há rotas divergentes para a escolha do objeto final. O caminho para a heterossexualidade não é direto, e não podemos classificar de errados os outros destinos.[101]

Os que escrevem sobre essas questões tiram conclusões diferentes a respeito do que consideram patológico e do que encaram como simples diversidade humana. Robert Stoller define perversão como "forma erótica do ódio" e faz uma análise crítica do fetichismo, do estupro, do homicídio com motivação sexual, do sadismo, do masoquismo, do voyeurismo e da pedofilia. Vê em cada um deles "hostilidade, vingança, vitória e um objeto desumanizado"[102]. No que diz respeito à homossexualidade, contudo, ele é o campeão do pluralismo:

Que prova existe de que a heterossexualidade é menos complicada que a homossexualidade, menos um produto de esforços na infância para dominar um trauma, um conflito, uma frustração e coisas assim? Em conseqüência de inúmeras análises, o ônus da prova [...] cabe agora àqueles que adotam a heterossexualidade como padrão de saúde,

normalidade, maturidade genital ou seja qual for o critério ambíguo que sirva à filosofia de cada um atualmente [...]. Até aqui, a contagem, com base em relatórios publicados, dá empate entre heterossexuais e homossexuais: 100% de anormais.[103]

Outra preciosidade de Stoller é esta:

Cuidado com o conceito "normal" – ele está fora do alcance da objetividade. Tenta conotar veracidade estatística, mas esconde opiniões irracionais a respeito de uma bondade social e particular que, se aceitas, fomentariam uma honestidade e uma modéstia que ainda não vimos em patriotas, legisladores, psicanalistas e filósofos.[104]

Uma vez mais, o aumento do pluralismo de esquemas de desenvolvimento alternativos significa, para alguns, o fim da crença no curso de desenvolvimento da teoria da libido ortodoxa, na qual o complexo de Édipo é o mais importante rito de passagem do amadurecimento. A maioria dos profissionais de orientação psicanalítica que se dedicam ao desenvolvimento não gostaria de percorrer o caminho do construtivismo

social. Um compêndio neo-freudiano americano publicado em 1990, que se propõe a reunir os pontos de vista recentes, afirma sem comentário: "Na verdade, [Leo] Rangell classificou o complexo de Édipo de auge da vida instintiva da criança, núcleo das neuroses e 'guarda-chuva organizativo da vida futura'"[105].

CONCLUSÃO

Procurei primeiro fazer uma exposição da idéia original do complexo de Édipo. Muito embora Freud lhe tenha atribuído a condição de conceito básico da psicanálise, ele nunca fez uma formulação definitiva do seu pensamento a esse respeito. Existem muitos pontos indefinidos. Em segundo lugar, apresentei algumas idéias de Melanie Klein e de kleinianos, segundo as quais o esquema de desenvolvimento da teoria da libido é colocado em segundo plano, ao mesmo tempo que as dinâmicas edipianas são ampliadas numa "situação edipiana" que torna a se repetir por toda a vida. Essa idéia menos biologística e mais relacionada com o objeto está também ligada à maturação do *insight* e às posições esquizoparanóide e depressiva. Por fim, esbocei as idéias sobre evolu-

ção dos sexos, cujos proponentes rejeitam toda menção a vias de desenvolvimento preferenciais. De fato, as teorizações cada vez mais refinadas nas opiniões dos homossexuais sobre a identidade sexual chegaram a um ponto tal que eles afirmam que as exceções superaram a regra e podem promover o objetivo de longo prazo de "esquivar-se de todas as formas de naturalismo no pensamento psicanalítico"[106]. Sai de cena o complexo de Édipo.

Minha opinião no assunto não vai tão longe. Entendo que a idéia original do complexo de Édipo dentro de uma cronologia rígida da teoria da libido é concreta e restritiva demais, muito vinculada a partes específicas do corpo – embora deva acrescentar que sempre levo em conta em que ponto do desenvolvimento e em que fases o paciente se encontra ou está estagnado. Mais importante ainda, convenci-me em todo o meu trabalho clínico de que é conveniente refletir com base na situação edipiana – e nas dificuldades em superá-la. Na minha opinião, o complexo de Édipo, a idéia de inconsciente e o conceito de identificação projetiva são três das mais frutíferas concepções da psicanálise. Cheguei à conclusão de que a compreensão da dinâ-

mica edipiana específica existente entre cada um dos meus pacientes e os seus pais (pais adotivos, filhos etc.) é fundamental para desemaranhar o novelo que lhes causa angústia e os impede de usar plenamente as suas capacidades.

UMA NOTA FINAL SOBRE SÓFOCLES

Quando li sobre a agonia final de Jocasta, uma velha piada de que me lembrei sobre Édipo de repente perdeu a graça: "Ela lamentou a questão da sua condição de esposa duplamente frustrada – marido gerado de marido, filho de filho"[107]. E "o pior ainda estava por vir"[108] quando Édipo encontrou a mãe, tirou-a da corda com que ela se enforcara e vazou os próprios olhos com as presilhas de ouro do manto dela. Lembrei-me de que estamos aqui, no mundo da violência real e devaneada, do abuso de crianças e incesto, às vezes consentidos, em geral impingidos, deixando cicatrizes profundas. Os fracassos da superação desse complexo são inúmeros no presente e por toda a história. Em meu entender, a psicanálise kleiniana mostrou que se trata de uma batalha interminável, na medida em que nos alternamos – às vezes a todo instante e sem dúvida em todos os momentos cruciais da vida – entre a fragmentação e a integração, a responsabilização e a reparação, o ódio e o amor.

Podemos fazer uma escolha de graus. O primeiro é o da mãe superdominadora que leva o filho ao psicólogo, o qual analisa o garoto e manda a mãe entrar para lhe anunciar com gravidade que o filho tem complexo de Édipo, ao que ela responde: "Édipo, Nédipo, tanto faz, desde que ele ame a sua mãe". A sra. Édipo histórica, a rainha Jocasta, também evitava as grandes verdades com finura:

Medo? O que tem o homem que ver com o medo?
O acaso nos governa a vida, e o futuro se desconhece.
Melhor viver como melhor pudermos, dia a dia.
E isso de se casar com a mãe não precisa assustá-lo;
Muitos homens já sonharam com tanto. Tais coisas
Devem ser esquecidas, se se quer suportar a vida.[109]

Sófocles faz outra frase de efeito, que lembra a tragédia em todas as vidas, segundo a qual, como afirma Tirésias[110], cada qual é inimigo de si mesmo, assim como detetive e criminoso:

Filhos e filhas de Tebas, vejam: esse era Édipo,
O maior dos homens; ele tinha a chave dos mais profundos mistérios;
Era invejado pelos seus semelhantes por sua enorme prosperidade.
Vejam que onda de desgraça abateu-se-lhe sobre a cabeça.
Então aprendam que um mortal deve sempre atentar para o seu fim,
e a ninguém se pode chamar feliz até o dia em que leve
Sua felicidade para a cova, em paz.[111]

NOTAS

1. Veja Chasseguet-Smirgel, Janine, *Creativity and Perversion*, Londres: Free Association Books, 1985; *The Ego Ideal: A Psychoanalytic Essay on the Malady of the Ideal*, Free Association Books, 1985a.
2. Bergmann, Martin S., *The Anatomy of Loving: The Story of Man's Quest to Know What Love Is*, Nova York: Columbia University Press, 1987, cap. 18.
3. Ibid., p. 220.
4. Ibid., p. 222.
5. Ibid., p. 223.
6. Freud, Sigmund, "Observations on Transference Love: Further Recommendations on the Technique of Psychoanalysis III" (1915), in *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Londres: Hogarth, 1953-73 (doravante, *SE*), vol. XII, pp. 159-71 (p. 166).
7. Veja Brenner, Charles, *An Elementary Textbook of Psychoanalysis*, Nova York: International Universities Press, 1973, p. 26; e Meltzer, Donald, *Sexual States of Mind*, Strath Tay: Clunie, 1973, pp. 21-7.
8. Cf. Dinnerstein, Dorothy, *The Mermaid and the Minotaur: Sexual Arrangements and Human Malaise*, Nova York: Harper and Row, 1976; e Chodorow, Nancy, *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, University of California, 1978.
9. Cornwell, Joan, "The Establishment of Female Genital Sexuality", *Free Associations*, vol. 1, 1985, pp. 57-75; Waddell, Margot, "From Resemblance to Identity: A Psychoanalytic Perspective on Gender Identity", mimeografia, 1992, esp. pp. 9-10.
10. Erikson, Erik H., *Identity and the Life Cycle: Selected Papers*, in *Psychological Issues*, vol. 1, n. 1, monograph 1. International Universities Press, 1959, p. 120. Reeditado como *Identity and the Life Cycle*, Nova York: W. W. Norton, 1994.

11. Nagera, Humberto (org.), *Basic Psychoanalytic Concepts on the Libido Theory*, Londres: Unwin Hyman, 1969, pp. 64-82.
12. Laplanche, Jean; Pontalis, J.-B., *The Language of Psychoanalysis*, Londres: Hogarth, 1973, pp. 282-7.
13. Veja também Mullahy, Patrick, *Oedipus – Myth and Complex: A Review of Psychoanalytic Theory*, Nova York: Grove Press, 1955, pp. 20-7.
14. Freud, Sigmund, *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis* (1933), *SE*, vol. XXII, pp. 3-182 (p. 113).
15. Veja Klein, Melanie, "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties" (1945), in Britton, Ronald, et al., The Oedipus Complex Today: Clinical Implications, Londres: Karnac, 1989, pp. 11-82 (pp. 72-5); Mitchell, Juliet, Psychoanalysis and Feminism, Londres: Allen Lane, 1974; Dinnerstein (1976); Temperley, Jane, "Is the Oedipus Complex Bad News for Women?", *Free Associations*, vol. 30, part 4, 1993, pp. 265-75.
16. Fletchman Smith, Barbara, *Mental Slavery: Psychoanalytic Studies of Caribbean People*, Londres: Rebus, 2000.
17. Os interessados em conhecer a fundo os debates sobre as formulação do complexo de Édipo devem consultar, entre outros, Sigmund Freud ("The Infantile Genital Organization: An Interpolation into the Theory of Sexuality" [1923], *SE*, vol. XIX, pp. 141-8; "The Dissolution of the Oedipus Complex" [1924], *SE*, vol. 19, pp. 171-9; "Some Psychical Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes" [1925], *SE*, vol. XIX, pp. 243-60; Karl Abraham ("Psycho-Analytical Studies on Character-Formation" [1921-1925], in *Selected Papers on Psycho-Analysis*, Londres: Maresfield, 1979, pp. 370-418; "A Short Study of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders" [1924], in Abraham [1979], pp. 418-501); Victoria Hamilton (*Narcissus and Oedipus: The Children of Psychoanalysis*, Londres: Routledge, 1982); Adam Limentani ("The Oedipus Myth as Reflected in Problems of Ambivalence and Reparation in the Oedipal Situation", in *Between Freud and Klein: The Psychoanalytic Quest for Knowledge and Truth*, Londres: Free Association Books, 1989, pp. 18-34); George H. Pollock e John M. Ross (*The Oedipus Papers*, Madison: International Universities Press, 1988); Bennett Simon ("Is the Oedipus Complex Still the Cornerstone of Psychoanalysis? Three Obstacles to Answering the Question", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 39, 1991, pp. 641-68); Jay R. Greenberg (*Oedipus and Beyond: A Clinical Theory*, Harvard, 1991); e Juliet Mitchell (*Mad Men and Medusas: Reclaiming Hysteria and the Effects of Sibling Relationships on the Human Condition*, Allen Lane: The Penguin Press, 2000).
18. Freud, Sigmund, *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), *SE*, vol. VII, pp. 125-245 (p. 226n).
19. Ibid., pp. 225, 225n.
20. Freud, Sigmund, *Civilization and Its Discontents* (1930), *SE*, vol. 21, pp. 59-145 (p. 60).
21. Ibid., p. 131.
22. Ibid., p. 134.
23. Veja, p. ex., Mullahy (1955), pp. 323-4; Johnson, Allen W.; Price-Williams, Douglass, *Oedipus Ubiquitous: The Family Complex in World Folk Literature*, Stanford: Stanford University Press, 1996, pp. 14ss.
24. Johnson e Price-Williams (1996), p. 6.
25. Freud, Sigmund, "Preface to Reik's *Ritual: Psycho-Analytic Studies*" (1919), *SE*, vol. XVII, pp. 256 – 63 (pp. 261-2).
26. Ibid.
27. Freud, Sigmund, *The Interpretation of Dreams* (1900), *SE*, vols IV – V, pp. 263-4.
28. Freud, Sigmund, *The Ego and the Id* (1923), *SE*, vol. XIX, pp. 3-66.
29. Veja mais informações sobre o conceito de posição de Klein em Abel-Hirsch, Nicola, *Eros*, Cambridge: Icon Books, 2001, pp. 38-9.
30. Veja Freud (1900), pp. 264-6; Jones, Ernest, *Hamlet and Oedipus*, Nova York: Doubleday Anchor, 1949.

31. Sophocles, *King Oedipus*, in *The Theban Plays*, trad. E. F. Watling, Londres: Penguin, 1947, p. 45.
32. Ibid., p. 47.
33. Ibid., p. 47.
34. Ibid., p. 48.
35. Young, Robert M., "Consider Laius", *Free Associations*, vol. 13, 1988, p. 150.
36. Steiner, John, "Turning a Blind Eye: The Cover Up for Oedipus", *International Review of Psycho-Analysis*, vol. 12, 1985, pp. 161-72.
37. Veja Klein, Melanie: "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), in *The Writings of Melanie Klein*, Londres: Hogarth, vol. 1, 1975, pp. 186-98; "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties" (1945), in Klein (1975), vol. 1, pp. 370-419; "Notes on Some Schizoid Mechanisms" (1946), in Klein (1975), vol. 3, pp. 1-24.
38. Freud, Sigmund. *Extracts from the Fliess Papers* (1950), *SE*, vol. I, pp. 175-280 (p. 265).
39. Cf. Freud (1900), pp. 263-6.
40. Freud (1900), pp. 262-3.
41. Ibid., p. 263n.
42. Freud (1910); Freud (1913).
43. Rudnytsky, Peter L., *Freud and Oedipus*, Nova York: Columbia University Press, 1987, p. 15.
44. Ibid., pp. 11-12. Veja também Rudnytsky, Peter L., e Spitz, Ellen H. (orgs.), *Freud and Forbidden Knowledge*, New York University Press, 1994.
45. Rudnytsky (1987), pp. 4-5; Anzieu, Didier, *Freud's Self-Analysis*, Londres: Hogarth, 1986, cap. 3.
46. Por exemplo, King, Pearl e Steiner, Ricardo (orgs.), *The Freud – Klein Controversies: 1941-45*, Londres: Tavistock/Routledge, 1991, pp. 432-3.
47. Essa versão pode ser encontrada em dois lugares: no final do ensaio de 1945 de Klein, "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties" (republicado na coleção de Britton et al. *The Oedipus Complex Today* (1989), sumário, pp. 63-82). Encontra-se uma exposição atualizada no verbete "Oedipus Complex" de *A Dictionary of Kleinian Thought*, de R. D. Hinshelwood (Londres: Free Association Books, 1991, pp. 57-67), e a questão é ampliada e aprofundada em dois ensaios de Ronald Britton ("The Missing Link: Parental Sexuality in the Oedipus Complex", in Britton et al. [1989], pp. 83-102; "The Oedipus Situation and the Depressive Position", in Anderson, Robin [org.], *Clinical Lectures on Klein and Bion*, Londres: Routledge, 1992, pp. 34-45) e em um de David Bell ("Hysteria – A Contemporary Kleinian Perspective", *British Journal of Psychotherapy*, vol. 9, 1992, pp. 169-80).
48. Klein (1945), in Britton et al. (1989), p. 76.
49. Ibid., pp. 76-7.
50. Ibid., p. 78.
51. Ibid., p. 78.
52. Ibid., p. 79.
53. Ibid., p. 82.
54. Ibid., pp. 81-2.
55. Klein (1946), p. 8.
56. Bell, David, "Hysteria – A Contemporary Kleinian Perspective", *British Journal of Psychotherapy*, vol. 9, 1992, pp. 169-80 (p. 172).
57. Ibid.
58. Britton, Ronald, "The Oedipus Situation and the Depressive Position", in Anderson, Robin (ed.), *Clinical Lectures on Klein and Bion*, Londres: Routledge, 1992, pp. 34-45 (p. 35).
59. Ibid., p. 37.
60. Ibid., p. 39.
61. Ibid., p. 38.
62. Britton, Ronald, "The Missing Link: Parental Sexuality in the Oedipus Complex", in Britton et al. (1989), pp. 83-102 (p. 87).
63. King e Steiner (1991).

64. Hinshelwood, R. D., "Oedipus Complex", in Hinshelwood (1991), p. 57.
65. Ibid., p. 60.
66. Green, André, "The Dead Mother", in *On Private Madness*, Londres: Hogarth, 1986, pp. 142-73.
67. Chasseguet-Smirgel (1985a).
68. Veja Rapaport, David, e Gill, Merton M., "The Points of View and Assumptions of Metapsychology", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 40, 1959, pp. 1-10; Rapaport, David, *The Collected Papers of David Rapaport*, Nova York: Basic, 1967.
69. Stein, Ruth, "A New Look at the Theory of Melanie Klein", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 71, 1990, pp. 499-511.
70. Ibid., p. 500.
71. Ibid., p. 504.
72. Ibid., pp. 504-5 (grifo do original).
73. Ibid., p. 508.
74. Ibid., p. 509.
75. Ibid., p. 505.
76. Bion, Wilfred R.: "Group Dynamics – A Re-view", in Klein, Melanie, et al. (orgs.), *New Directions in Psycho-Analysis: The Significance of Infant Conflict in the Patterns of Adult Behaviour*, Londres: Tavistock, 1955, pp. 440-77 (pp. 475-6); *Experiences in Groups and Other Papers*, Londres: Tavistock, 1961, pp. 187-90.
77. Young, Robert M., *Mental Space*, Londres: Process Press, 1994, caps. 5-7.
78. Freud (1933), p. 80.
79. Giddens, Anthony, *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*, Londres: Polity, 1992; e Young, Robert M., "Is 'Perversion' Obsolete?", *Psychology in Society*, vol. 21, 1996, pp. 5-26.
80. Morgan, David, "The Internal Couple and the Oedipus Complex in the Development of Sexual Identity and Sexual Perversion", in Harding, Celia (org.), *Sexuality: Psychoanalytical Perspectives*, Brunner-Routledge, 2001, pp. 137–52.
81. Freud (1905), p. 231.
82. Abelove, Henry, "Freud, Homosexuality and the Americans", *Dissent*, Winter 1986, pp. 59-69 (pp. 59, 60).
83. Waddell, Margot; Williams, Gianna, "Reflections on Perverse States of Mind", *Free Associations*, vol. 2, 1991, pp. 203-13 (p. 203).
84. Ibid., p. 206.
85. Ibid., p. 211.
86. Greenberg, Jay R.; Mitchell, Stephen A., *Object Relations in Psychoanalytic Theory*, Harvard, 1983.
87. Ibid., p. 126.
88. Ibid., p. 137.
89. Stoller, Robert J., *Perversion: The Erotic Form of Hatred*, Maresfield, brochura, 1986, p. 12.
90. Greenberg e Mitchell (1983), p. 154.
91. Ibid., p. 157.
92. Fletcher, John, "Freud and His Uses: Psychoanalysis and Gay Theory", in Simon Shepherd e Mick Wallis (orgs.), *Coming on Strong: Gay Politics and Culture*, Londres: Unwin Hyman, 1989, pp. 90-118 (p. 113).
93. Ibid., p. 114.
94. Freud (1905), p. 231.
95. Fletcher (1989), p. 96.
96. Laplanche, Jean, *Life and Death in Psychoanalysis* (1970), Johns Hopkins University Press, 1976, p. 23.
97. Fletcher (1989), pp. 98-9.
98. Burch, Beverly, "Heterosexuality, Bisexuality, and Lesbianism: Psychoanalytic Views of Women's Sexual Object Choice", *Psychoanalytic Review*, vol. 80, 1993, pp. 83-100 (pp. 84-5).

99. Ibid., p. 85.
100. Ibid., p. 91.
101. Ibid., p. 97. Veja também Burch, Beverly, *On Intimate Terms: The Psychology of Difference in Lesbian Relationships*, Illinois, 1993a.
102. Stoller (1986), p. 9.
103. Stoller, Robert J., *Observing the Erotic Imagination*, Yale, 1985. Apud Burch (1993), p. 97.
104. Stoller (1985), p. 41. Apud Burch (1993), p. 98.
105. Rangell, Leo, "Aggression, Oedipus and Historical Perspective", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 53, 1972, pp. 3-11 (p. 7). Apud Tyson, Phyllis e Tyson, Robert L., *Psychoanalytic Theories of Development: An Integration*, Yale, 1990, p. 59.
106. O'Connor, Noreen; Ryan, Joanna, *Wild Desires and Mistaken Identities: Lesbianism and Psychoanalysis*, Londres: Virago, 1993, p. 246.
107. Sophocles (1947), p. 60.
108. Ibid., p. 61.
109. Ibid., p. 52.
110. Ibid., p. 36.
111. Ibid., p. 68.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Abel-Hirsch, Nicola, *Eros*. Cambridge: Icon Books, 2001.

Abelove, Henry, "Freud, Homosexuality and the Americans", *Dissent*, Winter 1986, pp. 59-69.

Abraham, Karl, "Psycho-Analytical Studies on Character Formation" (1921 – 5), in *Selected Papers on Psycho-Analysis*. Londres: Maresfield, 1979, pp. 370-418.

———, "A Short Study of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders" (1924), in *Selected Papers on Psycho-Analysis*. Londres: Maresfield, 1979, pp. 418-501.

———, *Selected Papers on Psycho-Analysis*. Londres: Maresfield, 1979.

Anzieu, Didier, *Freud's Self-Analysis*. Londres: Hogarth, 1986 [esp. cap. 3] [*A Auto-Análise de Freud*, trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1989].

Bell, David, "Hysteria – A Contemporary Kleinian Perspective", *British Journal of Psychotherapy*, vol. 9, 1992, pp. 169-80.

Bergmann, Martin S., *The Anatomy of Loving: The Story of Man's Quest to Know What Love Is*. Nova York: Columbia University Press, 1987.

Bion, Wilfred R., "Group Dynamics – A Re-view", in Klein, Melanie et al. (orgs.), *New Directions in Psycho-Analysis: The Significance of Infant Conflict in the Patterns of Adult Behaviour*, Londres: Tavistock, 1955, pp. 440-77; reeditado por Maresfield, 1977.

———, *Experiences in Groups and Other Papers*, Tavistock, 1961. [Edição brasileira: *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 2003]

Brenner, Charles, *An Elementary Textbook of Psychoanalysis*. Nova York: International Universities Press, ed. revista, 1973. [Edição brasileira: *Noções Básicas de Psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica*, trad. Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1987.]

Britton, Ronald, "The Missing Link: Parental Sexuality in the Oedipus Complex", in Britton et al., *The Oedipus Complex Today: Clinical Implications*. Londres: Karnac, 1989, pp. 83-102.

———, "The Oedipus Situation and the Depressive Position", in Anderson, Robin (ed.), *Clinical Lectures on Klein and Bion*, introdução de Hanna Segal. Londres: Routledge, 1992, pp. 34-45.

Britton, Ronald et al., *The Oedipus Complex Today: Clinical Implications*. Londres: Karnac, 1989.

Burch, Beverly, "Heterosexuality, Bisexuality, and Lesbianism: Psychoanalytic Views of Women's Sexual Object Choice", *Psychoanalytic Review*, vol. 80, 1993, pp. 83 – 100.

———, *On Intimate Terms: The Psychology of Difference in Lesbian Relationships*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 1993a.

Chasseguet-Smirgel, Janine, *Creativity and Perversion*. Londres: Free Association Books, 1985.

———, *The Ego Ideal: A Psychoanalytic Essay on the Malady of the Ideal*. Londres: Free Association Books, 1985a. [Edição brasileira: *O Ideal do Ego*. Porto Alegre: Artmed, 1992.]

Chodorow, Nancy, *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. University of California Press, 1978. [Edição brasi-

leira: *Psicanálise da Maternidade: Uma Crítica a Freud a Partir da Mulher*, trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.]

Cornwell, Joan, "The Establishment of Female Genital Sexuality", *Free Associations*, n. 1, 1985, pp. 57-75.

Dinnerstein, Dorothy, *The Mermaid and the Minotaur: Sexual Arrangements and Human Malaise*. Nova York: Harper and Row, 1976.

Erikson, Erik H., *Identity and the Life Cycle: Selected Papers*, in *Psychological Issues*, vol. 1, n. 1, monografia 1, International Universities Press, 1959. Reeditado como *Identity and the Life Cycle*. Nova York: W. W. Norton, 1994.

Fletcher, John, "Freud and His Uses: Psychoanalysis and Gay Theory", in Shepherd, Simon; Wallis, Mick (orgs.), *Coming on Strong: Gay Politics and Culture*. Londres: Unwin Hyman, 1989, pp. 90-118.

Fletchman Smith, Barbara, *Mental Slavery: Psychoanalytic Studies of Caribbean People*. Londres: Rebus, 2000.

Freud, Sigmund, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* [doravante, *SE*], 24 vols., Hogarth, 1953-73. [Edição brasileira: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (doravante, *ES*), 24 vols. Rio de Janeiro: Imago, 1986.]

———, *The Interpretation of Dreams* (1900), in *SE*, vols. IV – V. [Edição brasileira: *A Interpretação dos Sonhos*, in ES. vols. IV – V.]

———, *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), in *SE*, vol. VII, pp. 125 -245. [Edição brasileira: *Três Ensaios sobre Sexualidade*, in *ES*, vol. VII.]

———, "A Special Type of Choice of Object Made by Men" (1910), in *SE*, vol. XI, pp. 163-76. [Edição brasileira: "Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens", in *ES*, vol. XI.]

———, *Totem and Taboo* (1913), in *SE*, vol. XIII, pp. 1-162. [Edição brasileira: *Totem e Tabu*, in *ES*, vol. XIII.]

———, "Observations on Transference Love: Further Recommendations on the Technique of Psycho-Analysis III" (1915), *SE*, vol. XII, pp. 159-71. [Edição brasileira: "Observações sobre o Amor de Transferência", in *ES*, vol. XII.]

———, "Preface to Reik's *Ritual: Psycho-Analytic Studies*" (1919), in *SE*, vol. XVII, pp. 256-63. [Edição brasileira: "Prefácio a *Ritual: Estudos Psicanalíticos*, de Reik", in ES. vol. XVII.]

———, *The Ego and the Id* (1923), in SE, vol. XIX, pp. 3-66. [Edição brasileira: *O Ego e o Id*, in ES. vol. XIX.]

———, "The Infantile Genital Organization: An Interpolation into the Theory of Sexuality" (1923a), in *SE*, vol. XIX, pp. 141-8. [Edição brasileira: "A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade", in *ES*, vol. XIX.]

———, "The Dissolution of the Oedipus Complex" (1924), in *SE*, vol. XIX, pp. 171-9. [Edição brasileira: "A Dissolução do Complexo de Édipo", in *ES*, vol. XIX.]

———, "Some Psychical Consequences of the Anatomical Distinction Between the Sexes" (1925), in *SE*, vol. XIX, pp. 243-60. [Edição brasileira: "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos", in *ES*, vol. XIX.]

———, *Civilization and Its Discontents* (1930), in *SE*, vol. XXI, pp. 59-145. [Edição brasileira: "O Mal-Estar na Civilização", in *ES*, vol. XXI.]

———, "Female Sexuality" (1931), in *SE*, vol. XXI, pp. 223-43. [Edição brasileira: "Sexualidade Feminina", in *ES*, vol. XXI.]

———, *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis* (1933), in *SE*, vol. XXII, pp. 3-182. [Edição brasileira: *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, in *ES*, vol. XXII.]

———, *Extracts from the Fliess Papers* (1950), in *SE*, vol. I, pp. 175-280. [Edição brasileira: *Extratos de Documentos Dirigidos a Fliess*, in *ES*, vol. I.]

Giddens, Anthony, *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Londres: Polity, 1992; brochura, 1993. [Edição brasileira: *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2000.]

Green, Andre, "The Dead Mother", in *On Private Madness*. Londres: Hogarth, 1986, pp. 142-73. [Edição brasileira: *Sobre a Loucura Pessoal*, trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1988.]

Greenberg, Jay R., *Oedipus and Beyond: A Clinical Theory*. Harvard University Press, 1991.

Greenberg, Jay R.; Mitchell, Stephen A., *Object Relations in Psychoanalytic Theory*. Harvard: 1983. [Edição brasileira: *Relações Objetais na Teoria Psicanalítica*, trad. Emília de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.]

Hamilton, Victoria, *Narcissus and Oedipus: The Children of Psychoanalysis*. Londres: Routledge, 1982; reeditado por Karnac, 1993.

Hinshelwood, R. D., "Oedipus Complex", in *A Dictionary of Kleinian Thought*. Londres: Free Association Books, 1991, pp. 57-67. [Edição brasileira: *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.]

Johnson, Allen W.; Price-Williams, Douglass, *Oedipus Ubiquitous: The Family Complex in World Folk Literature*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

Jones, Ernest, *Hamlet and Oedipus*. Nova York: Doubleday Anchor, 1949.

King, Pearl; Steiner, Ricardo (orgs.), *The Freud – Klein Controversies: 1941-45*. Londres: Tavistock/Routledge, 1991. [Edição brasileira: *As Controvérsias Freud – Klein, 1941-45*, trad. Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1998.]

Klein, Melanie, "Early Stages of the Oedipus Conflict", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 9, 1928, 167-80; republicado em *The Writings of Melanie Klein*. Londres: Hogarth, vol. 1, 1975, pp. 186-98.

———, "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 26, 1945, pp. 11-33; republicado em Klein (1975), vol. 1, pp. 370-419, e em Britton et al. (1989), pp. 11-82 (veja esp. sumário, pp. 63-82).

———, "Notes on Some Schizoid Mechanisms", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 27, 1946, pp. 99-110; republicado em Klein (1975), vol. 3, pp. 1-24.

———, *The Writings of Melanie Klein*. Londres: Hogarth, 1975, cinco volumes.

Klein, Melanie et al. (orgs.), *New Directions in Psycho-Analysis: The Significance of Infant Conflict in the Patterns of Adult Behaviour*. Londres: Tavistock, 1977; reeditado por Maresfield, 1977.

Laplanche, Jean, *Life and Death in Psychoanalysis* (1970). Johns Hopkins University Press, 1976; brochura, 1985.

Laplanche, Jean; Pontalis, J.-B., *The Language of Psychoanalysis*. Londres: Hogarth, 1973. [Edição brasileira: *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.]

Limentani, Adam, "The Oedipus Myth as Reflected in Problems of Ambivalence and Reparation in the Oedipal Situation", in *Between Freud and Klein: The Psychoanalytic Quest for Knowledge and Truth*. Londres: Free Association Books, 1989, pp. 18-34.

Meltzer, Donald, *Sexual States of Mind*. Strath Tay: Clunie, 1973.

Mitchell, Juliet, *Psychoanalysis and Feminism*. Londres: Allen Lane, 1974.

———, *Mad Men and Medusas: Reclaiming Hysteria and the Effects of Sibling Relationships on the Human Condition*. Londres: Allen Lane/The Penguin Press, 2000.

Morgan, David, "The Internal Couple and the Oedipus Complex in the Development of Sexual Identity and Sexual Perversion", in Harding, Celia (org.), *Sexuality: Psychoanalytic Perspectives*. Londres: Brunner-Routledge, 2001, pp. 137-52.

Mullahy, Patrick, *Oedipus – Myth and Complex: A Review of Psychoanalytic Theory*. Nova York: Grove Press, 1948; reimpressão, 1955. [Edição brasileira: *Édipo, Mito e Complexo: Uma Crítica da Teoria Psicanalítica*, trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.]

Nagera, Humberto (org.), *Basic Psychoanalytic Concepts on the Libido Theory*. Londres: Unwin Hyman, 1969; reeditado por Karnac em brochura, 1981, 1990.

O'Connor, Noreen; Ryan, Joanna, *Wild Desires and Mistaken Identities: Lesbianism and Psychoanalysis*. Londres: Virago, 1993.

Pollock, George H.; Ross, John M., *The Oedipus Papers*. Madison: International Universities Press, 1988.

Rangell, Leo, "Aggression, Oedipus and Historical Perspective", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 53, 1972, pp. 3-11.

Rapaport, David, *The Collected Papers of David Rapaport*. Nova York: Basic, 1967.

Rapaport, David; Gill, Merton M., "The Points of View and Assumptions of Metapsychology", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 40, 1959, pp. 1-10.

Roland, Alan, *In Search of Self in India and Japan*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

Rudnytsky, Peter L., *Freud and Oedipus*. Nova York: Columbia, 1987. [Edição brasileira: *Freud e Édipo*, trad. Maria Clara Cescatto. São Paulo: Perspectiva, 2002.]

Rudnytsky, Peter L; Spitz, Ellen H. (orgs.), *Freud and Forbidden Knowledge*. Nova York University Press, 1994.

Simon, Bennett, "Is the Oedipus Complex Still the Cornerstone of Psychoanalysis? Three Obstacles to Answering the Question", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 39, 1991, pp. 641-68.

Sófocles, *The Theban Plays*, trad. E. F. Watling. Londres: Penguin, 1947. [Existem várias edições brasileiras da obra de Sófocles citada neste livro. *Édipo Rei*, como a da Ediouro (1997, trad. J. B. Mello e Souza), a da Difel (2000, trad. Domingos Paschoal Cegalla) e a da L&PM (2002, trad. Paulo Neves).]

Stein, Ruth, "A New Look at the Theory of Melanie Klein", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 71, 1990, pp. 499-511.

Steiner, John, "Turning a Blind Eye: The Cover Up for Oedipus", *International Review of Psycho-Analysis*, vol. 12, 1985, pp. 161-72.

Stoller, Robert J., *Observing the Erotic Imagination*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1985. [Edição brasileira: *Observando a Imaginação Erótica*, trad. Raul Fiker e Marcia Epstein Fiker. Rio de Janeiro: Imago, 1998.]

———, *Perversion: The Erotic Form of Hatred*. Londres: Maresfield, 1975; brochura, 1986.

Temperley, Jane, "Is the Oedipus Complex Bad News for Women?", *Free Associations*, vol. 30, 1993, pp. 265-75.

Tyson, Phyllis; Tyson, Robert L., *Psychoanalytic Theories of Development: An Integration*, New Haven/Londres: Yale University Press, 1990. [Edição brasileira: *Teorias Psicanalíticas do Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 1993.]

Waddell, Margot, "Gender Identity: Fifty Years on from Freud", *British Journal of Psychotherapy*, vol. 5, 1989, pp. 381-9; republicado em *Women: A Cultural Review*, vol. 1, 1990, pp. 149-59.

———, "From Resemblance to Identity: A Psychoanalytic Perspective on Gender Identity", mimeografia, 1992.

Waddell, Margot; Williams, Gianna, "Reflections on Perverse States of Mind", *Free Associations*, vol. 2, 1991, pp. 203-13.

Young, Robert M., "Consider Lairs", *Free Associations*, n. 13, 1988, p. 150.

———, *Mental Space*. Londres: Process Press, 1994.

———, "Is 'Perversion' Obsolete?", *Psychology in Society*, vol. 21, 1996, pp. 5-26.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Ivan Ward pelos comentários editoriais particularmente diligentes e sábios.